

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º a entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	38800	18900	6900	6120
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	8000	—
Extrang. (união geral dos correios)	54000	27000	9000	—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 689

20 DE FEVEREIRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Popo Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Uma interview.

Um jornal que se presa não tem outro remédio; de quando em quando, uma *interview* é coisa fatal. Um heroe, um facinora, um intellectual, fazem truz-truz á porta da cidade, um *reporter*, de lapis e carteira, faz truz-truz á porta d'elle.

Porque, meus senhores, trazer o publico informado do que vai por esse mundo de *Reporter* é hoje a religiosa missão da imprensa em todos os patzes, cujos nomes se escrevem com letras civilizadas nos mappas do seculo das luzes, até que a ultima lamparina se apague.

Nada como a reportagem, nada como esta sciencia de que nem todos possuem o segredo, mas que é indubitavelmente a melhor herança que nós, homens do seculo x x, deixamos aos vindouros.

Gemem a estas horas todos os prélos do mundo. Que importa a arte, a sciencia, a industria, a philosophia? Ainda ha, infelizmente, umas pequeninas machinas primitivas em que essas coisas se imprimem; mas isso está para acabar. E viva o progresso! Viva a instrucção! A enorme tiragem, o que faz suar o typographo, altas chaminés deitarem fumo, engrenagens rangerem, multiplicarem-se as fabricas de papel, é a simples noticia, o fadista que deu um sopapo, o conselheiro que deu um baile, *Madame Fonseca* que partiu e *Mademoiselle Fernandes* que chegou. O que d'antes era officio de senhoras visinhas é hoje a gloria d'uma sociedade.

E, porque tudo caminha e não havemos de ficar ronceiramente atraz, porque o que d'antes seria simples devoção se tornou em escrupuloso dever, tambem nós caminharemos na senda triunphantemente trilhada pelos modernos luminares.

Não nos pouparemos a incommodos. A boa informação eis o ideal.

Por isso, apenas soubemos que o famoso macrobio havia chegado a Lisboa, lançámos mão de todos os meios para com elle nos encontrarmos, não economisando passadas nem dinheiro, e, com as nossas melhores botas de duas solas e a bolsa bem recheada, puzemo-nos a caminho.

Confessaremos ingenuamente, porque a verdade é a grande qualidade psychologica do verdadeiro jornalista, confessaremos, embora possamos melindrar collegas, que estes foram, por suas informações erradas, os culpados dos muitos kilometros que inutilmente andamos pela cidade em busca do nosso heroe.

Tal discripção d'elle fizeram mentirosamente, ou antes levianamente, porque nenhum dos meus collegas o havia visto, que por muito que com taes signaes corresse todos os grandes hotéis da capital, em nenhum me souberam dar noticia de quem procurava.

Entre parenthesis, appello para a solidariedade jornalística, afim de ser devidamente apontado ao publico como gallego irresponsavel o porteiro do Hotel Flor da Baixa, que, já muito massado, quando lhe mostrei um bilhete com todos os meus titulos, me respondeu que se estava cazando, o que não era verdade.

Tem muitos por ahí descripto o nosso hos-

pede de ha dias por forma tão erronea, tão fóra da simples verdade com taes epithetos enganadores, adrede inventados talvez para nos desnoctarem, que o procurámos como a principe para afinal irmos dar com elle n'uma hospedaria da rua dos Canos.

Por aqui póde calcular o leitor os prodigios que obrámos antes de poder encontral-o.

Subimos a escada a pino, suja, escura, cheirando a lixo velho e hortaliça azeda, e puxámos, com certa commoção, havemos de confessal-o, pelo barbante encebado que atravessava a porta junto á bandeira, para o lado de dentro.

Souu um guiso rachado e uma voz fraca, tremula, com falsetes, perguntou:

— Quem é?

Dissemos então o nosso nome e os nossos titulos.

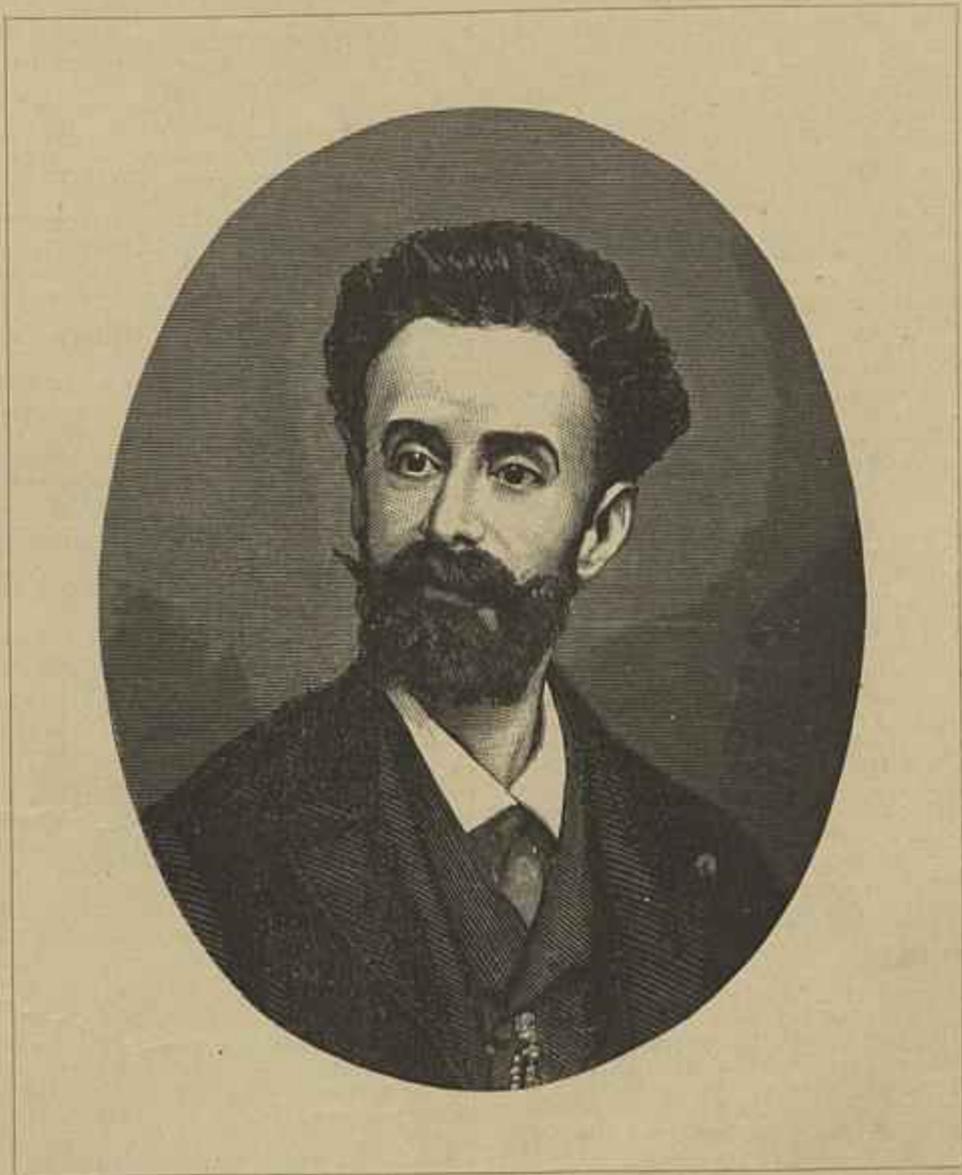
— Bem te conheço, disse a mesma voz.

E a porta abriu-se. Espantado e reverente, entramos no antro.

Decrepito, macilento, estropiado, miseravel, ali esteve o velho Entrudo.

— Bem te conheço, continuou elle, correndo a chouto pelo quarto pequeno, com a cabelleira de estopa as tres pancadas, os sapatos cheios de la-

REAL THEATRO DE S. CARLOS



MAESTRO AUGUSTO MACHADO, AUCTOR DA NOVA OPERA MARIO WETTER

ma, o chanfálho partido, a luneta de papelão a estacelar-se.

Havia no quarto um cheiro a alho que nos agoniava. Num monte de lixo, a um canto, tremoços grelavam.

O velho sacudia a barriga e resfolgava cançadíssimo, como um cavallo de carroça no alto dos Paulistas.

Pedimos-lhe que socegasse e não fizesse cerimónias. Disse-nos que tinha estado até de madrugada n'um baile da Mouraria, onde, pela manhã o haviam moido com pancada.

Contámos-lhe então o a que vínhamos e elle respondeu-nos que estava ás nossas ordens, embora não conhecesse o nosso jornal.

— Sabe ler? perguntámos-lhe.

— Esqueci a prenda.

— Mas, continuámos, procurando debalde onde nos pudessemos sentar, a fama que de V. Alteza...

O velho sorriu-se amargamente.

— V. Alteza...! Hoje todos me tratam por tu e aos pontapés.

— Era meu intuito perguntar-lhe, continuei commovido, se eu estava realmente na presença d'aquelle antigo Carnaval tão famoso, que tão bellos quadros inspirou, a que tantos poetas queimaram incenso, o tão querido de tantas damas e tão protector de suas amorosas intrigas.

— Eu sou, disse o velhinho, o que tão celebre fui na velha Veneza, em Roma, em todas as capitães do mundo. Fui a alegria e agora...

— Não queremos, dissemos polidamente, acordar memórias pungitivas. Era nosso fim, quando entrámos, ouvir da propria bocca de V. Alteza, a confirmação d'algum d'esses contos maravilhosos, mais que os das Mil e Uma Noites, a que V. Alteza deu razão. Não queremos, porém, molestal-o, embora talvez nem todos os leitores tomem a boa parte a delicadeza do nosso coração.

O Entrudo para disfarçar remirava os grossos sapatos esboracados.

— Estas palhetas, disse, estão a pedir tombas.

E com um gesto d'hombros, resignado e triste:

— Isto está por pouco.

Fizemos-lhe uma pergunta a queima roupa.

— Diga-nos, trastornou-o muito a abolição dos morgados?

— Muito!

E dos olhinhos vermelhos uma lagrima pequenina correu-lhe pelas faces, abrindo no lixo um sulco profundo.

— Muito, repetiu com entoação dramatica A minha familia e de má raça. Irmãos, irmãos... Canalha!... Roubaram-me tudo!

Houve entre nós um silencio pesado. Quasi já me arrependia da pergunta. Para que lhe fóra eu falar na familia? Com que direito fóra acordar na alma d'aquelle venerando ancião memórias sombrias de ingratições conhecidas?

— Minha irmã sobretudo... Ah!

— Qual d'ellas? perguntei.

— Qual? Pois não sabe? Aquella de quem menos o esperava foi quem me deixou á dependura, completamente á dependura! Um horror!

E a estopa erriçou-se-lhe na cabeça.

— A Política! A Política!... Infame!

Baixei a fronte, sem me atrever a serenar a indignação tragica, que trasbordou n'um philosophico monologo.

— Ella! Ella!... Deu-me cabo das minhas melhores caracas, lindas barbas brancas e veneráveis, calvas honradas, grandes fontes inteligentes! Foi-se ás minhas mentiras, pacientemente archivadas durante seculos, e n'um instante estropiou-as a todas! Foi-se ao deposito de tremoços e começou a atirar com elles por artigos de fundo e discursos ministeriaes! Que é do respeito á tradição? Que é da sã intelligencia? Tudo sujou, tudo enfileceu, tudo matou! Com ella os meus irmãos mais serios, começaram a dançar o can-can desenfreado, que era meu, so meu, muito meu, desde as primeiras épocas da humanidade. E, por isso, aqui ando pobre, esfarrapado, nojento. Procure por esse quarto, nas gavetas, nos bahus, não tenho um só nariz de papelão aproveitavel! De tudo me deram cabo! Infames! Infames!

Tentei consolal-o. Talvez exaggerasse. Falava-se muito na recepção que este anno lhe faria o publico elegante dos nossos theatros, a alta sociedade em seus salões. Elle abanava, descontente, a cabeça.

— O que me vale é isto!

E pegando n'um resto de bisnaga, bebeu-a d'um trago.

O cheiro tornára-se insupportavel. Metti a mão na algibeira e dei um cobre ao desgraçado velho, que, uma ou outra d'estas manhãs, apparecerá morto n'uma sargeta.

Sahi, philosophando. Como depressa decrepitam as grandezas humanas! O thema é velho, mas lembra-me de que as minhas theorias eram commovedoras.

Fica aberta a subscrição para acudir ao infeliz.

Redacção do OCCIDENTE... Um pataco.

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

O MAESTRO AUGUSTO MACHADO

AUCTOR DA NOVA OPERA «MARIO WETTER»

A apresentação de uma opera nova é, em toda a parte do mundo civilisado, um acontecimento artistico de alta importancia, alvo de criticas e de discussões mais ou menos acaloradas, e que se destaca sempre das outras questões d'arte, quer essa opera alcance um triumpho completo, quer tenha um exito mediocre, porque hoje quando uma obra musical desperta a critica, e já uma conquista, tão grande é a difficuldade de a produzir e de ser viavel.

A opera nova que a empresa de S. Carlos pôz em scena, é portugueza e de um maestro, que não é um novo e que por mais de uma vez tem feito ouvir as suas operas nos theatros portuguezes e estrangeiros, o sr. Augusto Machado, professor do Conservatorio, artista que conhece a fundo toda a sciencia da arte musical.

Não podemos por isso deixar passar como coisa indifferente, o apparecimento de uma opera portugueza e de prestar homenagem ao seu auctor, louvando-o pela sua obra que representa um trabalho serio de estudo da opera moderna.

Como se sabe na opera moderna abandonaram-se os antigos moldes das *arias*, dos *duettos*, das grandes *trades* e das cadencias prolongadas a pedir o applauso das plateias.

A obra musical hoje tem que corresponder precisamente á acção, exprimir os sentimentos do drama, a cada palavra corresponder uma nota, uma phrase justa, dizer, enfim, com a musica o que a alma exprime pela palavra.

D'ahi a grande difficuldade de compôr uma opera que satisfaca ás exigencias da arte moderna e ás exigencias do publico que, em geral, quer ouvir musica que facilmente entenda e lhe delicia os ouvidos, ainda que essa musica esteja em guerra aberta com a acção dramatica que se passa no palco.

Isto deu causa á grande guerra feita a Wagner, e a todos que tem seguido na sua esteira, embora vão já triumphando como o seu mestre.

Limitar a musica á acção do libreto, sem a prejudicar, sem exuberancias nem tibezas é hoje o ideal dos compositores modernos.

Alcançou Augusto Machado esse ideal, na composição da opera *Mario Wetter*? Não o podemos afirmar na primeira e unica audição que d'ella tivemos, pois não nos foi possivel assistir a mais duas representações que deu, mas essa unica audição revelou-nos hastantes bellezas, que ouvidas mais de uma vez, de certo poderiam ser melhor apreciadas.

Em todo o caso o novo trabalho de Augusto Machado afirma de modo incontestavel, que elle conhece profundamente toda a sciencia da musica e está a par da evolução da arte, de todo o seu moderno movimento. A orchestração da nova opera é primorosa, é um trabalho de mestre. A orchestra não é ali um accessorio, como se pôde dizer que o era antigamente; ella acompanha todas as cambiantes do canto, ora colorindo a phrase, ora formando o fundo onde a acção destaca, ora como que contornando as figuras, ora esbatendo-as com finura e delicadeza.

Esta é a impressão que nos deixou a nova opera de Augusto Machado, na vèz que a ouvimos, não nos propomos por isso a fazer a sua critica, para a qual não nos habilitámos sufficientemente.

O illustre maestro conta já um vasto repertorio em que tem sempre affirmado a sua capacidade musical; a opera *Mario Wetter* não vem desmentir os antigos creditos do auctor da *Laureana* e dos *Dorias* e antes mostrar o quanto tem estudado e progredido para atingir a opera moderna.

A nova opera teve por principaes interpretes a sr.^a Parsi que desempenhou muito bem a parte

principal de *Lida*; Eva Tetrzzini admiravelmente; Pozzoni, no protagonista, muito bem apesar dos seus pouco recursos como actor: o barytono Belatti e tenor Ragni muito correctamente assim como os coros e orchestra sob a direcção do maestro Campanini, que ensaiou a partitura.

O apparecimento de uma opera portugueza em o nosso acanhado meio artistico é um facto altamente significativo e animador para a arte nacional, n'um paiz em que as artes andam tão desportegidas.

Aquelles que ainda as cultivam e lhe dão brilho, como Augusto Machado, bem merecem do publico, porque ainda dão razão de vida a esta nacionalidade.

COSTUMES HESPAÑHOES — UM AGUADEIRO DE GRANADA

O quadro é singelo e, por essa mesma simplicidade, eminentemente poetico. Junto ao poço de uma povoação andaluz, encontra-se o aguadeiro e uma joven aldeã. Emquanto elle accende um *cigarrillo*, ella dá ao jumento uma haste de feno ou *avalanco*. Estabelece-se depois a conversação, egualmente simples, ingenua e franca, como ingenuos são os corações campezinos, que palpitam longe do bulicio e dos disfarces das cidades. Não nos diz mais o gracioso quadro, porém é assaz suggestivo para que fiquemos por aqui.

Para os nossos leitores a estampa tem um valor apreciavel pois representa uma scena de costumes de um paiz visinho, tão affim com o nosso nas tradições, nas crenças, nas industrias e nas artes.

Embora a Hespanha só muito mais tarde se constituísse nação autonoma não lucrando do exemplo que lhe offerecia Portugal, tão pequenino na sua extensão e tão grande no seu amor patrio, a arte e a industria hespanholas definiram muito cedo um estylo proprio, a que os mouros legaram toda a sua technica aprendida no Oriente e applicada em Toledo, em Górdova e em Granada, essa terra formosa de que são habitantes os individuos representados na gravura.

E' comparar esse aguadeiro de Granada, não com os da outra margem do Tejo, os de Cacilhas, que n'alguma cousa se assimilham, mas com os do baixo Alemtejo que são identicos.

Aquellas vasilhas recordam uma longa tradição artistica e latente na olaria portugueza, tão variada e tão interessante de provincia para provincia, de terra para terra.

Formas multiplas, essas formas que o illustre escriptor sr. Ramalho Ortigão tão bem systematisou no seu ultimo livro *O culto da Arte em Portugal*.

Diz-nos elle:

«Esses typos principaes são a talha, o pote, o cantaro, o caneco, o tenor, a tarefa, a pucara, o gomil, a escudella, a tijela, a infusa, a meia, a quarta, a quartinha, a pinta, a sumicha, a sangra-deira, a alquara, a vieira, o almude, a tamboladeira, o alguidar e o alguidarinho, o alcadefe, o moringue, o boiño, o tarro, o cantil, a almofia, o alcatroz, o porrião, o côcho, o picho, o pichel, a almotolia, a ancoreta, a taleiga, e galheta, o caldeirão, a caldeira e a caldeirinha, o tacho, a caçoila, a copa, a bateia, o jarro, a batega, a pichorra, a botija, a cabaça, a malga, etc. Alguns d'estes nomes jogam com o antigo systema de medidas abolidas no seculo xvi, quando se estabeleceu o systema novo, tendo por base o quartilho. A vasilha correspondente á velha medida, condemnada no reinado de D. Sebastião, sobreviveu porém na tradição e no costume. A *sumicha*, por exemplo, com quatro decilitros de capacidade, tão manciara, tão graciosa, tão bem proporcionada a uma sede d'agua, é ainda hoje na olaria de Coimbra o pucaro consagrado, que no pote da região, de uma elegancia tão fina e tão attica, se encasa no alguidarinho, que lhe serve de tampa.

As formas populares d'essa vasilharia, umas trazidas do Peru e do Mexico, como a do moringue e seus derivados, outras, provenientes de typos gregos e etruscos, da cratera, da amphora, da ambula do askos, do bombylio, etc., são por toda a parte em nossos districtos ceramicos, as mais bellas, as mais engraçadas ou as mais nobres, as mais irreprehensivelmente puras, parecendo que á roda mechanica do operario as foi delineando, contornando, envolvendo sempre, a peça por peça, o sorriso acariciante de um artista.

De uma humilde panellinha portugueza de barro preto, de Prado ou de Molellos, deduziram em França o assucareiro, a leiteira, a cafeteira e o bule de um serviço de almoco, que ficou tradicional na fabricação de Sévres».

ROBERTO IVENS

(Concluido do numero antecedente)

É durante a segunda estação naval de Roberto Ivens em Angola, que começa a revelar-se o futuro explorador da Africa.

Principiou por um simples reconhecimento na Bahia dos Tigres, a que se seguiu um outro no rio Congo mais importante. Um escaler a vapor da canhoneira *Tamega*, levando a reboque um bote, conduzindo Roberto Ivens e os segundos-tenentes Ernesto Carlos Rosa e Alvaro de Salles Ferreira. Assim subiram o rio até Noki, proximo ao sitio onde Stanley estabeleceu a primeira estação permanente, denominada *Josephina*.

N'este reconhecimento levantou Roberto Ivens uma planta do rio Congo entre Borua e Noki, e fez os desenhos do natural da ilha de Xinhalla, na margem direita do rio, de Xinhime povoação mais ao nordeste e do sitio dos redomoinhos de Fuma Fuma, quasi sempre envolvido em espessas nuvens das evaporações do rio.

D'esses desenhos dá o *Occident* copia a paginas 36 como os primeiros que o notavel explorador fez em Africa e que marcam a sua primeira viagem de exploração ou reconhecimento do Congo.

Estes desenhos fazem parte da planta ou mappa a que nos referimos, o qual foi offerecido por Roberto Ivens á Sociedade de Geographia de Lisboa, onde se conserva.

Ainda n'aquelle reconhecimento, Roberto Ivens determinou a situação de duas grandes pedras que se encontram no rio e que só se descobrem quando as aguas vão mais baixas. São nas proximidades de Noki, mais para nordeste do rio. A primeira já tinha o nome de *Diamante*; a segunda, Roberto Ivens, denominou-a *Ametista*.

Esta primeira e simples viagem de exploração no rio Congo, foi um ensaio para a grande travessia pelo interior d'África, que, pouco tempo depois, o arrojado explorador ia empreender com Hermenegildo Capello, do Bihé á Contra-Costa.

Com effeito Roberto Ivens regressou a Loanda em maio de 1877 e encontrou ali a sua nomeação para fazer parte de uma exploração de estudo e descobrimento, no interior de Africa.

Veiu a Lisboa no *India*, e apenas se demorou 27 dias em preparativos para a grande exploração, e com que entusiasmo elle fez esses preparativos, que actividade desenvolveu para se demorar o menos tempo possível, e seguir presuroso a realisar o seu sonho querido de correr aventuras por um paiz selvagem, a maior parte do qual ainda não pisado por viajantes europeus.

Essa primeira travessia foi tão trabalhosa e cheia de perigos, que os dois exploradores chegaram por vezes quasi a desanimar completamente, privados das cousas mais elementares para a vida, desde a agua que faltava, até á mais simples refeição de farinha já deteriorada e escassa.

Em vestuario e em cama ninguem pensava e só se despiam para vestir roupa lavada, quando a havia; cama, dormia-se onde calhava, algumas poucas horas, para de novo caminharem cheios de fadiga, sem saber o termo da jornada.

Os proprios naturaes, que acompanhavam os exploradores europeus, rendiam-se pelo cansasso e uns morriam e outros fugiam.

A tudo resistiram valorosamente os dois exploradores, ainda que Capello, quando voltou, parecia ter envelhecido dez annos; Ivens, mais moço que o seu companheiro, vinha bastante depauperado pelas febres, mas a singular vivacidade do seu espirito, fazia esquecer-lhe os males phisicos e dar expansão ao enthusiasmo e á alegria por ter realiado o seu sonho — atravessar o interior da Africa e conhecer aquelle solo huberrimo onde tanto se encontra a morte como a riqueza.

Mas não era ainda tudo. Se n'esta viagem tinham colhido bastantes conhecimentos, que vinham esclarecer muitos pontos obscuros da sciencia geographica e revelar as riquezas d'aquelle solo, os bons resultados obtidos, serviram de incentivo para novas travessias, e então Roberto Ivens e o seu companheiro, esquecidos já das inclemencias soffridas e dos perigos que haviam corrido, decidiram-se a fazer uma segunda viagem, de Benguella ás terras de Iaca, que foi mais um triumpho para os dois notaveis africanistas.

De uma e outra viagem escreveram Capello e Ivens quatro grossos volumens, profusamente illustrados de desenhos, dos typos e usos dos indigenas, logares, flora, animaes, minerios, rios e suas correntes, productos do solo e da industria indigena, caminhos e logares preferiveis para estabelecimentos de colonisação, um sem numero, em fim, de noticias e dados, que tem sido e continuarão a ser aproveitados, por quantos se pro-

põem a colonisar e desenvolver a riqueza natural d'aquelle grande paiz, que é um mundo e que constitue os grandes dominios de Portugal em além mar, apesar do muito que os estrangeiros nos tem usurpado.

Benemeritos todos os que tem cooperado para esta grande obra de civilisação, e entre os nomes que o mundo tem a acatar e guardar sua memoria, conta-se o de Roberto Ivens que deu a vida pela humanidade e pela patria, sacrificando-se nos sertões d'África para beneficio da cumunidade.

C. A.

Caprichos e tenetas de alguns musicos celebres

E' factio assaz notorio o serem os grandes artistas — tanto musicos e poetas como pintores e esculptores — mais ou menos atreitos a singularidades; uns e outros, muitas vezes, á procura da inspiração, valem-se de meios um tanto extravagantes. Schiller, por exemplo, estimulava o seu estro mediante o cheiro das maçãs apodrecidas, e arrecadava-as sempre, em quantidade, nas gavetas e escaninhos da sua meza de trabalho. Mais de um escriptor, aliás, segundo réza a tradição, tem appellado para o som da musica, ouvida a certa distancia, e, conforme deve suppôr-se, boa — afim de instigar a veia poetica; para muitos, porém, o silencio é condição indispensavel, e consideram a musica apenas como bulha importuna e, no dizer de alguns, insupportavel, até. Outros ha que, para estímulo da fantasia, tem adoptado o café, o vinho e as bebidas alcoolicas.

Chopin, o inspirado pianista, era sobremodo sensível ás variantes atmosphéricas. As suas deliciosas melodias, essas composições vertiginosas, apenas lograva encontrar-as nos dias em que o ceu se apresentava puro e limpido, e o sol radiante de luz. Nos dias turvos, tristes, do fim do outono, o rumor surdo, abafado das folhas cahindo das arvores, mais de uma vez veio inspirar-lhe o motivo dominante de um d'esses Nocturnos tão repassados de suave melancolia.

Certo dia de inverno, cahia chuva se Deus a dava, o compositor foi surpreendido pela visita de Jorge Sand, com quem mantinha, aliás, estreitas relações. A eminente escriptora veio encontrar o exímio pianista tocando um preludio que n'aquelle instante acabara de compôr.

— Santo Deus, exclamou a celebre madame Du-devant, essa melodia infunde tristeza mortal!

— Não admira, retorquiu Chopin, esta noite, sonhei que estava estendido no caixão e que a chuva, sem despegar, cahia sobre a tampa.

D'outra vez, em noite desabrida, tormentosa, o grande artista dava entrada n'um baile sumptuosissimo. O contraste frisante entre o esplendor da festa e o furor desenfreado das forças naturaes veio a produzir um brilhante improviso, uma das suas tão celebres *polonoises*, na qual tão bem se traduz a dupla influencia de elementos por tal forma descontraídos: na introdução, transparece a alegria, o ruido festivo do baile; d'ali a poucos compassos, e quasi sem transicção, recebe-se a perfeita illusão de estar se ouvindo uma carga de lanceiros, galopando a unhas de cavallo atravez de extensa campina, em noite tempestuosa. A tal ponto se achava excitada a imaginação do genial compositor, quando, n'essa mesma noite, executou no piano o seu tão inspirado improviso, que, segundo elle proprio depois contou, assim que pôz as mãos sobre o teclado, veio assaltal-o a seguinte visão: pelas portas do vasto salão de baile, abertas violentamente, de par em par, irrompe um tropel de lanceiros polacos, esbeltos e aguerridos, e apoz estes um bando de nobres e formosas castellãs, trajando ao modo nacional e, uns e outras, enlaçando os braços em galope vertiginoso, atravessam a sala de baile.

Os phenomenos naturaes influem poderosamente e muito mais, como aliás é de suppôr, do que outras quaesquer causas externas, no estro dos grandes musicos. Spohr, o celebre compositor, o inspirado auctor do *Fausto*, hoje um tanto esquecido e offuscado pela obra prima de Gounod, conta na sua biographia, aliás interessante a mais de um respeito, que as suas melhores ideias musicas, os seus *motivos* mais felizes, os encontrou, invariavelmente, no momento em que assistia a um incendio ou quando presenciava qualquer outro incidente, catastrophe ou phenomeno natural. De uma vez, em Vienna de Austria, durante uma inundação, chegava já a agua ao segundo andar do predio, no qual o celebre maestro occupava o terceiro, não houve meio de o convencer a levantar-se do piano; o spectaculo grandioso da agua, borbotando em ondas e inva-

dando-lhe os aposentos, havia-lhe inspirado o motivo dominante de uma das suas mais bellas symphonias, e o peregrino artista não queria deixar fugir a inspiração. Os lances dolorosos exerciam sobre o estro do compositor extraordinaria influencia, uma das suas mais delicadas e patheticas melodias coincidiu com o momento angustioso em que a esposa, por elle adorada, exhalava o ultimo suspiro.

O opposto, exactamente, succedia a Rossini, epicurista declarado, que ia ao mercado fazer as suas compras, escolher os primores da novidade para a sua meza opipara. Os jantares, as gulo-seimas, o Champagne, a formosura das damas, as toilettes vistosas, as alegres conversações e o fino espirito eram outros tantos instigadores do seu estro musical, da sua inspiração. Quando se levantava da meza, encerrava-se no seu gabinete de trabalho, e sem descansar enchia folhas e folhas de papel de musica com essas brilhantes produções do seu engenho, que lhe accudiam, por assim dizer, de tropel e de modo exuberante. O lado alegre, risonho, ruidoso da vida, alimentava-lhe o estro deveras prodigioso; os revezes, os lances dolorosos, imudiciam-n'o.

Meyerbeer procedia de modo inteiramente diverso ao do *Cysne do Arno*. O brilhante eclecticico, dotado pela natureza com um sentimento musical, com uma intuição artistica raras, quanto elevados, procurava os seus poderosos effeitos á força de grande concentração de espirito. Pianista exímio, sentava-se horas e horas ao piano, instrumento sem o auxilio do qual lhe era de todo impossivel compôr, e, por tentativa, alterando, invertendo, modificando ou transformando a ideia inicial, duzia e duzia de vezes, não despegava do teclado em quanto não encontrava a desejada melodia, que elle, desde logo, passava a escrever.

«Não ha nada para mim mais antipathico, nem tão aborrecido, como é o modo porque Meyerbeer procura as suas operas,» dizia Ricardo Wagner. Não obstante, se bem que as admiraveis partituras de Meyerbeer, no dizer dos criticos, não sejam de todo isentas da pecha da excessiva preocupação do *effeito*, quanta obra de valor genial não foi concebida por methodo identico ou semelhante?

E Auber, como é que elle produziu as suas operas — a *Muda de Portici*, o *Fra Diavolo*, e outras ainda em que transparece, por assim dizer, em cada compasso, essa frescura, essa alegre viveza que constituem o fundo do espirito francez? Já em avançada idade conservava o espirituoso maestro a verdura, a alegria da juventude, e passava já dos setenta, quando escreveu a sua linda opera *Um dia de ventura*. Durante um ensaio da brilhante posto que tardia produção do popular compositor francez, este, ouvindo um amigo queixar-se dos achaques e tristezas da velhice, respondeu-lhe, a rir: «A velhice?... gosto d'ella, é o meio unico que tenho de viver por muitos annos!» — Vejamos, porém, como é que compunha Auber. — Tinha verdadeira paixão pelo cavallo, a equitação era para elle um vicio, e os seus mais felizes motivos compunha-os asso-biando ou trauteando, a compasso do trote ou do galope do seu corcel de raça. «Com o andamento ora rapido, ora vagaroso, mas sempre rythmico do nobre animal, acodem-me os meus motivos mais risonhos, as minhas mais expressivas melodias; o meu cavallo é verdadeiramente o Pégaso cujas azas me hão de transportar ao Olympo,» repetia elle ás vezes rindo com o seu eterno bom humor. Um dia, estava o maestro escrevendo a *Muda de Portici*, e por mais tractos que desse á imaginação, não conseguia encontrar motivo que o satisfizesse para o celebre côro do mercado. O que pensam que fez Auber? Mandou apparellhar o cavallo, montou e investiu a galope, atravessando um dos mercados mais concorridos de Paris. Conforme era de esperar, os vendilhões e as colarejas ergueram clamor infernal, e o compositor foi alvo de injurias, de ameaças de toda a especie, formuladas no estylo energico e picaresco privativo á dita classe. Custou-lhe um tanto caro o capricho, Auber, porém, pagou de bom grado os centos de ovos partidos, o leite e a manteiga entornados, os fructos espezinhadros e a loiça feita em cacos, visto como, n'aquelle churrivari medonho, n'aquelle infernia de sons discordes, lograra encontrar o almejado motivo para o seu côro do mercado.

Halevy, o compositor da *Judia*, trabalhava ao pé do fogão, e inspirava-se no silvo continuo e tão monotono da agua a ferver na chaleira. Tinha em sua companhia duas irmãs extremosas, que alimentavam anciosas o lume, evitando que se apagasse durante as horas de trabalho do irmão estremeado, porque o zumbido uniforme, e o va-

VIAGEM DE RECONHECIMENTO AO ZAIRE, EM 1876 POR ROBERTO IVENS



XINHIME

ras, nos esplendores, em summa, do viver luxuoso Ricardo Wagner apreciava, como poucos, o bem entendido luxo; gostava de vêr-se rodeado de objectos de arte, de obras de estylo puro, no acto de compôr essas suas produções musicaes, essa obra gigantesca que veio operar a transformação do drama lyrico.

Hector Berlioz, esse vulto singular que marca um lugar áparte entre os musicos francezes, e que, emquanto vivo, tão mal apreciado foi pelos seus compatriotas — incluindo os proprios collegas — escrevia as mais bellas de entre as suas composições phantasticas n'esses momentos em que sua esposa, a celebre actriz ingleza Smithson, lhe recitava trechos das tragedias de Shakespeare.

Adolphe Adam, o gracioso compositor do *Postillon de Lonjumeau*, achava os seus melhores pensamentos musicaes depois do jantar, estirado ao comprido sobre as almofadas de uma *ottomana*, com o seu gato, o seu angora favorito, enroscado aos pés e a ressonar beatificamente.

Seria, aliás, inexgotavel a lista de caprichos, phantasias e tenetas, algumas quaes passaram ao estado de lenda, e a que são atreitos os grandes privilegiados do talento. Por agora contudo, com tentêmo-nos com esta amostra.

Pin-Sel.



OS REDOMINHOS DE FUMA-FUMA, NO ZAIRE

por da agua em ebulição, evocavam n'este, não sómente a veia poetica como tambem o éstro musical.

Spontini, auctor do *Fernando Cortez*, appellava para toda a especie de recursos, no acto de compôr; e rodeava-se de ponderosos volumes de obras de consulta, entre os quaes avultavam os que tratavam de musica. Donizetti não tomava o caso tanto a peito, e a respeito d'elle conta Mendelssohn, nas suas encantadoras cartas de viajante, que, quando lhe escasseava o numerario, chegava a compôr uma opera em 15 dias, e levava depois vida folgada emquanto lhe durava o dinheiro. Dispensava completamente todo e qualquer auxilio externo ou suggestão, fosse qual fosse. Os amigos, quando o viam emmudecer de repente e permanecer por longo espaço de tempo, com olhar fito, espantado, já sabiam que no cerebro do genealissimo auctor da *Lucia*, da *Favorita*, da *Anna Bolena* e de quantas outras operas não menos afamadas, principiavam a esboçar-se essas deliciosas melodias que tornaram perfeitamente typicas as suas produções musicaes.

O seu compatriota Bellini, cujo talento apresenta tantos pontos de contácto com o d'elle, improvisava aquelles seus cantos tão ternos e maviosos, contemplando os quadros, as estatuas; inspirava-se no aspecto e no aroma das flores ru-



XINZALLA

(Desenhos de Roberto Ivens)

LENDAS POPULARES CHINEZAS

As lendas populares são na China singelas, suaves e poéticas.

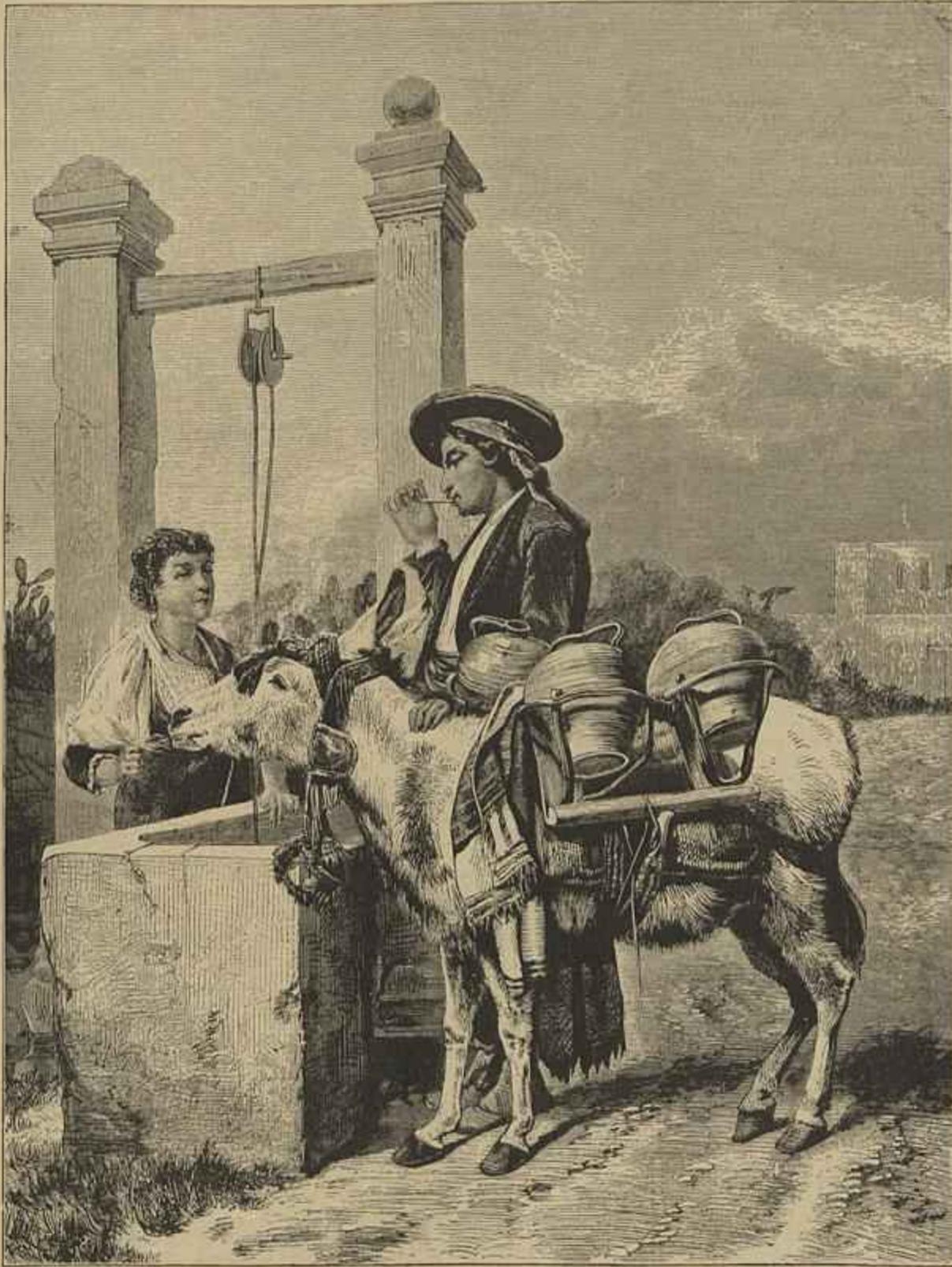
O natural mistura-se ali com o maravilhoso, o povo aceita com profunda convicção estes legados de antigas aspirações e crendices. Não admira, attenta a boa fé d'aquella gente pacífica, cujo

elle se foi sentindo preso da miseria que alligia o seu paiz.

Animado do desejo ardente de ser util aos seus semelhantes, renunciou a cargos e honrarias, e retirando-se para a sua terra natal, consagrou-se ao desenvolvimento da agricultura, base do bem estar do povo. Este não foi ingrato para com o seu hemfeitor, porquanto transmittiu a posteridade a memoria de Tao Tsungi, que é venerada como

Um bello dia o pae da donzella desapareceu do sitio, sem que se pudesse atinar com a causa de tal facto. Pela manhã havia montado a cavallo e á tarde o rocim apparecera em casa sem cavalleiro. A mãe julgou não sobreviver ao desgosto. A filha recusou-se a tomar alimento, vestiu-se de rigoroso luto e não consentiu em ver mais pessoa alguma sem saber do paradeiro do pae.

Assim decórreu um anno. Os ladrões das im-



COSTUMES HESPAÑOES — UM AGUADEIRO DE GRANADA

instincto os tem afastado sempre de entusiasmados por conquistadores e guerreiros. No Celeste Imperio só o estudo e o trabalho enaltecem o homem e honram os caracteres: heroes militares e combates sangrentos não são o seu forte.

Vamos á lenda da abnegação e virtude.

Conta-se que Tao Tsungi, distincto litterato e poeta, no tempo da dynastia mongolica, conseguiu pelos seus altos merecimentos e tacto administrativo attingir os mais altos cargos do imperio; cousa, porém, pouco vulgar, quanto mais amplos se lhe foram abrindo os horizontes, mais

modelo de virtude e de abnegação, que os homens devem copiar.

E ahí têm os leitores, apresentado n'esta lenda, um novo Cincinnato, mas de rabicho.

Agora a curiosa lenda da amendoeira.

Diz-se que na epocha bastante recuada da dynastia Shang, quinze seculos antes da nossa era, vivia nas terras de Setchuen uma rapariga formosa, rica e querida de todos, tanto pelos dotes e prendas physicas, como pelo seu extremo carinho filial, mais valioso que os thesouros da celebrada pedra *jada*.

medições, que frequentavam os sitios mais escusos, affirmavam não ter dado fé de tal homem. Os venerandos sacerdotes asseguravam que os Genios não o haviam levado para o céu. Não fora morto na guerra, nem tão pouco victima da peste!! Lancinada a mãe, tanto pela perda do marido, como pela dor que consumia a filha, fez um dia solemne voto de dar a rapariga em casamento a quem restituísse o marido ao lar domestico.

Toda a gente das vizinhanças saiu para o campo, perguntou aos viandantes, calcuou montes e valles. Não podia o premio ser mais tentador,

porquanto a posse da amofinada menina fazia presuppôr para o afortunado nas suas pesquisas, os gosos do céu na vida terrena.

Chegadas as cousas a este pé, aperceberam-se um dia de que o cavallo, em que saíra o velho, estava inquieto à manjadoura, escarvava de continuo e fazia por partir as prisões. Ao cabo de afincado esforço, conseguiu o animal soltar-se, e partindo veloz, como um gamo, perdeu-se na immensidade dos arrozaes longinuos. Mais feliz do que as pessoas, logrou voltar ao povoado trazendo consigo o velho tão insistentemente procurado.

Posto o cavallo na cavallariça, todos o esqueceram, mercê da alegria, que lhes ia na alma; o animal, todavia, adoeceu desde logo. Não comia, nem bebia; de vez em quando apparecia triste, de outras feitas furioso; e continuamente voltava a cabeça para os aposentos da filha do dono. O ancião teve curiosidade de inquirir da irritabilidade do bicho e então a esposa revelou-lhe o voto feito por occasião do seu insolito desaparecimento.

«Taes promessas fazem-se e cumprem-se, disse o velho, quando se trata de homens, mas não a respeito de bestas. De hoje ávante dê-se ao cavallo dobrada ração, quer de palha, quer de arroz. Em que cabeça humana entrou a possibilidade de casar uma rapariga com um quadrupede?!»

A despeito de tudo, o cavallo persistiu em não levantar o penso e, como tinha ouvido a conversação dos velhotes, mais se abispava ao passar proximo d'elle a formosa menina. Receioso o pae de que a attitude do cavallo acarretasse desgraças à familia, resolveu matal-o, mettendo-lhe uma flecha no coração.

Depois de morto o bucephalo, trataram os creados de lhe tirar a pelle e pozeram-n'a a secar ao sol, pendurada n'uma arvore no meio do pateo da casa. Succedeu, porém, que, ao passar a rapariga por ali, se animaram de subito aquelles despojos e, envolvendo-a, levaram-n'a pelos ares, com grande admiração dos presentes. Dez dias depois apparecia a pelle estendida sobre a copa de outra arvore, até então desconhecida no paiz; das suas folhas nutria-se uma largata, que vomitava casulos de seda. Lá foram chorar-lhe junto ao tronco os desditosos paes da rapariga e, de então para cá, o povo deu aquella arvore o nome de *Shang*, palavra que em lingua chinesa tem a dupla significação de *amoreira e funeral*.

Ninguém ousou duvidar de que a rapariga houvesse sido transformada em lagarta por falta do cumprimento da promessa; decorrido algum tempo appareceu aos paes uma deusa radiante de formosura e cercada de Genios magnificamente vestidos, envolta em nuvens de perumes e montada no cavallo que havia sido morto. Era a filha, que, dirigindo-se-lhes, disse:

«Adorados paes! Mercê da minha piedade filial, pelo meu bom coração e fidelidade inconcussa, escolheu-me Deus para sua serva nos palacios do céu, onde moram bemaventurados, dando-me o dom da immortalidade. Não choreis por mim porque sou feliz.»

O povo proclamou immediatamente a sua cõnterranca deusa das amoreiras e bichos de seda e ainda hoje, em tres districtos da provincia de Setchuen, lhe consagram annualmente festas, durante as quaes abundam as offerendas nos pagodes e, entre nuvens de myrrha e incenso, sobem ao céu orações impetrand'o o seu favor para as amoreiras e fecundidade das lagartas.

O pecegueiro, ou melhor a sua flor, é, na China, o emblema da longevidade, assim como entre nós, os louros são o symbolo da gloria. Esta tradição tira origem da arvore dar flor pela epocha do anno novo, que corresponde sempre aos mezes de fevereiro e março, por coincidir com as proximidades do equinocio da primavera.

Outra allegoria pôde ainda prender-se ao pecegueiro no Celeste Imperio. De tempos immemoraveis é a sua flor o symbolo do matrimonio, das virtudes conjugaes e, muito especialmente, dos deveres da mulher no seio da nova familia. Tal parece deprehender-se de uma obra poetica contida no *She king*, um dos antigos classicos, tido por sagrado d'entre os sabios chinas. D'esta notavel poesia destacaremos a seguinte estrophe:

«Florido e frondoso se ostenta o teu pecegueiro, oh marido afortunado!

«São suas flores radiantes e formosas

«Parecem a casta virgem que veiu pôr ordem na tua casa e bem dizer o teu lar»

Os *Tanistas*, especie de seita religiosa, muito importante e generalizada na China, que começou por clamar o livre exame como base das suas doutrinas e acabou por sepultar-se nas mais obscu-

ras especulações da nigromancia e da alchimia attribuem ao pecegueiro grandes e extraordinarias virtudes.

Vamos ao que reza a lenda:

(Continúa)

Bento da França.

VASCO DA GAMA¹

(Continuado do numero antecedente)

IV

EM LISBOA

Assim foram cortando o mar aereu
Com vento sempre mau, e nunca irado,
Até que louveiam vista do terreno,
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, o Rei temido e amado,
O premio e gloria dão; porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CANÇÕES—*Os Lusitadas*, Cant. x, Est. 144.

Merencorio estava um dia,
Em seu palacio real,
Como d'antes não soia,
Dom Manuel de Portugal.

«Que tendes vós, Senhor Rei?
A Rainha lhe dizia;
Dizei-me, Senhor, dizei,
Que vos dá melancolia.

Se haver desejais thesouros,
D'ouro, prata e pedraria,
Ricas terras tem os Mouros,
Que moram na Berberia.

Se vos nega algum vassallo
O preito que vos devia,
Eu mandarei castigá-lo
Pela sua rebeldia.

Se são Reis os que ameaçam
Vosso throno e monarchia
Tropas mandarei que façam
Pagar caro essa ousadia.»

—«Thesouros tenho, Senhora,
De rica e forte armaria,
Quaes não tem o Rei que mora,
Que mora na Berberia.

Se vassallos me offenderam,
Castigo dar-lhes sabia;
Guerras se Reis m'as fizeram,
Forças tenho em demasia.

Não queria haver riquezas,
Nem de Mouros as queria;
E armas tenho portuguezas,
Mistér d'outras não havia.

Só me anoja e entristece
Ver como, dia traz dia,
O tempo desaparece...
E Vasco não parecia.

Vaseo, meu grande Almirante,
E homem de tanta valia,
Não mais tornou do Levante...
Nem mais d'elle se sabia.

Chegaria elle a essas terras,
Onde o claro sol nascia?
Ou por mares ou nas guerras
Triste fim encontraria?

Se gentios o mataram,
Só Deus vingá-lo podia;
Se Mouros o captivaram,
A salvá-lo eu correria.

E ha dois annos que se fóra,
Dois annos e mais d'um dia:
Como hei de estar eu, Senhora,
Ledo qual d'antes soia?

Se dizer-me alguém soubera
Que o Almirante inda vivia...
Houros e bens eu lhe dera,
Grande do Reino o faria.»

Estas tristes falas taes
Mal el-Rei as proferia...
Quando nos Paços Reaes
Um velho aos seus pés caía.

«Alviçaras! Senhor Rei,
Se bem vo-las merecia,
Que a noticia vos darei,
Que mais gosto vos daria.»

—«Se as noticias me trazeis,
Que ouvir mais desejaria,
Erguei-vos d'onde jazeis,
Senhor d'alta Senhoria!»

—«Deus vos guarde, senhor Rei.
O bom velho respondia,
Noticias da Armada sei
Que torna de longa via.

A todo o panno vogando,
Como de longe se via:
A barra vem demandando,
E piloto para guia.

No grande mastro real
Pendão portuguez luzia:
Para el-Rei de Portugal
Chave da India trazia.»

V

REGRESSO

Centava a bella deusa, que viriam
Do Tejo, pelo mar, que o Gama abria
Armada, que as ribeiras veneçianas,
Por onde o Oceano indico suspira.

CANÇÕES—*Os Lusitadas*, Cant. x, Est. 10.

Oh Lavradores bem-aventurados!
Se coubessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara e agua pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não veem o mar trado, a noite cezra,
Por se buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grã cubica d'ouro relaxante.

CANÇÕES—Elegia III.

Era porfim chegado o grande Gama á Côte;
Veloz, a boa nova andou de Sul a Norte
Por todo Portugal.

E todo Portugal, para mais honra e fama,
Rompeu de Norte a Sul, ao ver o grande Gama,
Num hymno triumphal.

De monte a monte a voz d'um povo em festa echôa,
Já pela Europa toda a gloria immensa vóa
Da lusa expedição;
Ao jubilo da Patria ajuneta-se a alegria
De muito povo amigo, ou bem a inveja fria
De mais d'uma nação.

Que importa? Sempre assim, na sombra occulta, esqualida
Rangendo os dentes, terra, a inveja espreita, pallida,
Os exitos dos mais:

Immundo absorto vil, da sordida Cubica,
De trevas se apaseenta e vive de injustiça,
Sem se fartar jámais!

Que importa? E, quando, até, sahindo da atonia,
Do Bátavo e do Franco e do Bretão, um dia,
Faminto bando ousar,
Co'a bruta garra curva e o bico ensanguentado,
Do invalido gigante a duro monte atado,
O corpo esphaecelar...

Quando, á carniça lauta, o Belga e o Germano,
E gentes outras mil, sulcando o Oceano,
Vierem assistir...

Que importa? Sim! que importa?! A mesa é larga, vasta...
Fartar! fartar, Nações! que para todos basta...
E o dono está a dormir!

Cem annos gasta o Luso, e mais de cem mil vidas;
Torrentes d'ouro espalha, — e obras nunca ouvidas
Sósinho executou!
E, assim que o fim attinge, á Europa tudo entrega...
Mas, ella, ingrata filha, o terno pae renega,
Que nada lhe negou!

¹ Do livro *Echos da Solidão*.

Deixa-lo! O nobre povo em coisas taes nem pensa:
Se o mundo o espoliar d'essa fortuna immensa,
A gloria ficará;
Que os bens da terra... a sorte os dá e a sorte os tira,
E a fama lusitana... enquanto tudo expira,
Jámais expirará!

Negue embora a avides dos povos a verdade!
Qual outro, unicamente á sua heroicidade,
Deveu e ao seu saber
— E não á vil intriga e infame violencia —
Sobre todos, no mundo, a palma e preeminencia,
Em brio e em poder?

Qual, só, co'a sua industria e seu valor supremo,
D'um extremo do globo até ao outro extremo,
O Imperio edificou?
E, em guerra co'o sabido, e co'o ignoto em guerra,
De triumpho em triumpho, atravessando a terra,
A terra illuminou?

Missão grandiosa foi a tua, oh! Patria minha!
E agora, vós, Nações, que, d'isso qu'ella tinha
Viveis... guarde-vos Deus!
Se a respeitardes hoje, ao vê-la fraca, exangue...
Que foi por ella ter perdido tanto sangue...
Nos aureos tempos seus!

Ah! quem a visse então, quando, cingida a testa,
De rosas e jasmims, em delirante festa,
Laurcava os seus Heroes!
Heroes, quacs nunca houvera, em numero e valia,
Heroes, como antes nunca o mundo visto havia,
E nunca viu depois!

Não surde mais depressa e róla na planura,
Levando a toda a parte a vida e a fartura,
O Nilo liberal,
Qual do enthusiasmo a onda alastra e se derrama,
Do Paço á humilde choga, ao nome só do Gama,
Em todo Portugal!

Era por uma noite aurigera de outono:
D'altos Varões cercado, em seu glorioso throno,
Estava Dom Manuel;
Defronte, pensativo, estava o grande Vasco,
E, aos pés do solio d'ouro e purpura e damasco,
Cantava um menestrel.

A excelsa companhia as trovas escutava
Co'attenta compostura — (ainda a Côte usava
Houar os seus Orpheus).
E, enquanto o bardo assim cantava, além se ouvia
Oculto e doce voz que, em versos respondia,
Qual echo, aos versos seus.

O MENESTREL

Deusas fulgentes do Pindo,
Enchei meus versos de flamma,
Porque, do Tejo até ao Indo,
Espalhem o lustre infindo
D'el-Rei, da Patria, e do Gama!

A VOZ

Tagides alvas de arminho,
A quem cede o Pindo a palma,
Cantae me o fulgido ninho,
Que dos Algarves ao Minho,
Faz o enleio da minh'alma.

O MENESTREL

Já, de armadas portuguezas
Vejo cobrirem-se os mares,
As Indias d'altas proezas,
De gloria a Patria e riquezas,
E de canticos os ares!

A VOZ

Os céos não tem mais estrellas
Que flores tem nossos prados,
Nossas vinhas uvas bellas,
Messes o campo amarellas,
E ovelhitas nossos gados.

O MENESTREL

Reis potentes do Levante,
As vossas praças rendei,
A prata e ouro brilhante,
A esmeralda e o diamante,
Ao vosso dono e meu Rei!

A VOZ

O sol da patria é meu ouro,
Minha prata a branca lua,

As estrellas meu thesouro,
Que realçam Tejo e Douro
Co'a esmeralda fina sua.

O MENESTREL

Que prodigio! A humana gente,
Que tantos rimos segnia,
Cedendo a immensa corrente,
Toma toda de repente
Lisboa por norte e guia!

A VOZ

Que desgraça! O braço forte
Se á relha prefero a lança,
Affrontando embalde a morte,
Deixa a dita pela sorte,
E o certo pela esperanza!

O MENESTREL

Chora Veneza a Corôa
Do mar, que ao Luso cedeu,
Ruge a atlantica leôa,
E á voz da invicta Lisboa
A terra toda tremem!

A VOZ

Ai! risos, cantos amados
Das virgens da minha aldeia!
Ai! festas, bailes, noivados,
Gosos nunca misturados
Do pranto e da pena alheia!

O MENESTREL

Salve! Terra de gigantes,
Da Grecia rival e herdeira!
Já teus filhos triumphantes
Dão aos Reis mais distantes
A luz da Lei verdadeira!

A VOZ

Maldita seja a ambição
Que as leis sophisma e profana,
E, á sombra da religião,
Sacrifica á oppressão
A lei divina e humana!

O MENESTREL

Águias da Serra da Estrella,
Nas vossas azas tomme-me;
E, áquella India tão bella,
Pelos ares, para vê-la,
Águias amigas, leve-me!

A VOZ

Pombinhas da minha terra,
Docees, mimosas pombinhas,
No mar quem morre ou na guerra,
Longe das suas se enterra...
E eu quero morrer co'as minhas!

A VOZ

Aqui a voz perdeu-se ao longe vagamente;
Calou-se o menestrel, e a lyra lentamente,
Lentamente expirou.
Porém, banhado o rosto em pranto, ainda ouvia
O Gama aquella voz, que á mente lhe trazia
A morte do que amou.

«Vês, disse el-Rei á Esposa, o pranto que derrama
Aquelle homem de ferro a quem chamamos Gama?
E pelo seu irado...
Disfarça!... bem te entendo, oh! genio poderoso,
Que ajunctas, ao valor mais alto, o mais formoso
E terno coração!

José Bénodiel.

OURO ESCONDIDO

NOVELA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

VI

No qual Eneas realisa um acto de heroismo e Frederico
uma descoberta sem senso commum

— Com que então? — perguntou Joaquim de-

baixo para cima, e Romulo de cima para baixo
repetiu:

— Com que então?
O afortunado Eneas replicou com extrema cir-
cumspecção:
— Decididamente agrada-me a rapariga. O dou-
tor Roque parece-me ser pessoa meiga e inoffen-
siva.

— Deixa lá o doutor e casa-te com a rapa-
riga.
— Com a melhor vontade; mas vocês que a
conhecem, digam lá: que especie de mulher vem
a ser a senhora Tranquilina?

— Isso é confusão tua — retorquiu o Joaquim
com zombeteira seriedade; — de quem queres
fallar, é da avó paterna.

— Não, é da mãe, da propria mãe — insistiu
Eneas; — já renunciiei á avó paterna; o que eu
tinha a fazer era revelar-me á rapariga, e foi a
rapariga que a si mesma se revelou perfeitamen-
te... ao menos, assim me parece. No que estou
agora pensando é no primeiro varão que venha a
nascer — prosequiu, e ao falar assim, fazia-o em
tom de móla para evitar as chufas dos dois ami-
gos; — penso n'esse primeiro varão que deve
forçosamente reproduzir uma parte da sua avó
materna.

— E se em vez de varão vier para ahí uma fe-
mea — perguntou o Romulo.

— As femeas, isso é com elle — respondeu mui-
to a sério o Joaquim.

— Que nome tencionas pôr á tua primeira fi-
lha?

— A candura é, na mulher, a primeira das vir-
tudes; a brancura o seu encanto principal; assim
pois, chamar-se-ha Candida. O homem tem de
ser forte, generoso, valente, e por conseguinte
o meu filho chamar-se-ha Leão. Um nome boni-
to é complemento indispensavel para um filho
bem construido.

— Bravo, senhor engenheiro! — exclamou Joa-
quim: — mereces não ser enganado, dir-te-hei
pois que segundo as noticias que tenho (e olha-
va para Romulo) a senhora Tranquilina, mãe da
Amalia, é robusta, enérgica...

— E ao mesmo tempo — prosequiu o Romulo
— a sua alma é meiga, a intelligencia firme, o
coração aberto para os...

O Eneas, porém, não cuidou em saber para
quem estava aberto o coração da senhora Tran-
quilina, e interrompeu dizendo:

— Muito bem; visto que estas tão bem infor-
mados, podereis dizer-me como era o pae da se-
nhora Tranquilina.

— E's insaciavel — exclamou o Joaquim.
Porém Romulo respondeu:

— Era homem de muita ordem, uma excellen-
te pessoa; recordo-me que não desgostava de
versos, comquanto preferisse a prosa.

— E, ás escondidas, suspirou pelo nariz.

— Já morreu ha muito tempo?

— Ha muito, ha.
— De que enfermidade?

— Creio que morreu porque, ao subir uma es-
cada, partiu uma perna, sobreveio a gangrena e
deu cabo d'elle.

— Recommenda a teu filho — insinuou o Joa-
quim — que suba escadas com muito cuidado e
que, quando for velho, habite em andar terreo;
e verás que chega a ter mais idade que o pro-
prio Mathusalem.

— Com que então — perguntou outra vez o
Romulo.

— Com que então, se ella me quizer, caso com
ella.

— Pedimol-a então em teu nome?

Por momentos o engenheiro, como que atemo-
risado pelo peso enorme da responsabilidade que
ia assumir, contemplou as estrellas que lhe pisca-
vam o olho e safou-se... Não teria porém, an-
dado ainda uns dez passos, voltou-se para traz e
gritou aos amigos:

— Ide pedil-a!

Ao repararem n'aquelle mancebo que se afas-
tava apressado e n'aquelles dois velhos que pa-
ravam a rir, os raros transeuntes curiosos que por
alli passavam, detinham-se um momento, hesita-
vam se haviam ou não de rir, e pela maior parte
acabavam por se rir sem saberem de quê.

Joaquim e Romulo, quando entraram em casa,
encontraram, sentada ao pé do lume, uma perso-
nagem, a qual deviam julgar escondida, pelo me-
nos, depois da humilhante derrota.

— Por cá? — disse a personagem — não os es-
perava tão cedo.

— Pobre Frederico! murmurou Romulo meio
a rir meio a sério.

— Pobre! quem, eu? — Informa-te melhor;
hontem ganhei na Bolsa e amanhã, verás, heide
ganhar tambem; demais a mais tenho boas noti-

cias do meu thesouro; encontrou-se uma panella vasia, notavel, segundo dizem, para a zoologia, a anthropologia, a paleontologia e não sei quantas melancolias scientificas mais... E chamam-me você pobre? porque não me quadra uma rapariga de 20 annos, a qual, não sei porque, vos empenhaes em achar bonita, e com quem antipathis-sei logo a primeira vista?

Romulo e Joaquim olharam alternadamente um para o outro, abrindo uns olhos enormes e como quem diz: «Blasphema! delira!»

Frederico proseguiu:
— Vaidosa e presumida, a vossa interessante philosophia ganharia, e não pouco, se fôra menos heugmatica e conseguisse endireitar a linha do nariz...

— Do nariz! — proromperam os dois velhos.
— Pois ainda não repararam que torce para a direita?

— Torce?!
— Dêem-lhe de conselho que durma sempre para esse lado e que se assôe á propria mãosinha: são dois remedios excellentes para o mencionado defeito e generosamente lh'os recommendo

Os dois velhotes, afinal, entraram a rir!

— Diz aquillo por despeito — murmurou logo o Joaquim; e Romulo, affirmando energicamente com a cabeça, repetiu, convicto: «Por despeito!»

— Não é despeito — disse alegremente Frederico — e vontade de rir; hoje estou de bom humor; não sei o que tenho, mas o que é certo, é que me sinto disposto a fazer loucuras; era até capaz de os fazer zangar... A vossa Amelia é linda, lindissima, divina... acham pouco? Pois é uma Venus, uma Virgem; lá se o nariz torce para a direita, pouco importa; é mais uma gracinha. O que é certo é que lhe não agradei nem ella me agradou a mim; está visto que os nossos fluidos não podem combinar, o que aliás não impede que seja muito bonita e que eu lhe deseje quantas venturas possa sonhar; dizei-lh'o: que eu lh'o direi tambem. Para lhe ser agradável faria, nem sei o que... era capaz até de casar com ella; dizei-lhe isto tambem... Asseguro-lhes, porém, que não quero saber para nada, nem d'ella, nem de mim, nem da propria vida... e que estava de muito bom humor.

— Bem vêmos — disse o Joaquim. Romulo ficou pensativo e, apenas se encontrou a sós com o companheiro:

— Meu caro Joaquim — disse, — este rapaz mette medo; se não encontra a quem que o distraia, que o captive, que lhe chegue ao coração, ou pelo menos á intelligencia... assim que tiver o primeiro contratempo... ao menor golpe do destino...

E tocou de leve no peito do amigo retirando o dedo immediatamente; gesto cheio de terrivel eloquencia. Joaquim compreendeu que o *index* de Romulo representava o dedo do destino e apressou-se em acrescentar:

— Que se não diga que o Frederico tem dois amigos de idade madura, cheios de experiencia e bom senso e que lhe não servem para nada. Procurémos bem a vêr se encontramos a quem que lhe chegue ao coração.

Romulo abanava a cabeça com desespero.

— Mulher e filhos; não ha outra coisa.
— Encontraremos a mulher; os filhos hão de vir por si; meninas bonitas não faltam, tanto como a Amalia, não direi, mas emfim, bonitas; desencantar-lhe-hemos uma que tenha o nariz direito e que o apaixonone.

— Pois sim, mas entretanto...
— Entretanto precisamos encontrar coisa que o distraia.

— Que lhe chegue ao intellecto.
— Mas que coisa?
— Sim... que coisa!?

(Continua) Pin-Sel.

NECROLOGIA

O GENERAL JORGE CANDIDO PINHEIRO FURTADO

Pelas 7 horas da manhã do dia 29 de janeiro, expirou, na sua casa da Cova da Moura, o gene-

ral de divisão Jorge Candido Pinheiro Furtado, um dos ultimos bravos das campanhas da liberdade, que ainda restava, e que consagrou toda a sua vida ao serviço da patria, com aquelle amor civico tradicional de antigos portuguezes.

Quantas vezes elle perguntou a si mesmo, quando o não dizia entre amigos: — De que serviram tantos sacrificios feitos?! E comentava estes desvarios que por ahí vão arrastando o paiz á ruina.

Pois elle foi um dos que mais e melhor se bateram pelas liberdades publicas, arrostando com os maiores sacrificios, jogando a vida em luctas de morte!

Que o diga a acção memoravel da Praia da Victoria, de 11 de agosto de 1839. Elle foi dos que entrou n'essa lucta horrivel em que ficaram completamente derrotadas as hostes miguelistas.

Pinheiro Furtado, contava então 19 annos, pois nasceu em Lisboa a 16 de outubro de 1810, e mal tinha sentado praça, quando sentiu o ardente desejo de libertar a sua patria, do governo absoluto que a opprimia. Para isso emigrou para a ilha Terceira, onde um punhado de valentes portu-



GENERAL JORGE CANDIDO PINHEIRO FURTADO

FALLECIDO EM 29 DE JANEIRO DE 1898

guezes, cada dia engrossado por novos adeptos, havia proclamado a liberdade. Pinheiro Furtado embarcou para aquella ilha, mas tendo o governo de D. Miguel noticia d'este embarque, mandou immediatamente uma canhoneira em perseguição do navio que conduzia os emigrados, não conseguindo aboral-o.

Mas se Pinheiro Furtado logrou escapar á perseguição do governo nem por isso se eximio ás inclemencias e privações que soffreram os seus companheiros, chegando a passarem fome e a andar rotos e descalços, pois para se manterem apenas recebiam 40 réis diarios com que compravam pão e leite.

As luctas nos Açores seguiram-se as luctas no continente, e Pinheiro Furtado bateu-se sempre, tornando-se notavel em Ponte Ferreira.

Fez parte da divisão auxiliar á Hespanha e de Hespanha tinha a grã-cruz do Merito Militar e a cruz de 1.ª classe.

Dotado das superiores qualidades de militar, reunia a estas as qualidades de homem de coração, de que formava o seu caracter honrado e bom.

Commandou os regimentos de infantaria n.º 1 e n.º 18, e a divisão militar do Porto.

Quando em 1862, o sr. conselheiro José Dias Ferreira organisou ministerio, convidou Pinheiro Furtado a tomar conta da pasta da guerra. Não

foi sem sacrificio que o velho general, já octogenario, aceitou o espinhoso cargo, de que a principio se quiz escusar, accedendo por fim ás muitas instancias do presidente de ministros, que por ultimo apelou para o seu patriotismo, na grave situação que o paiz atravessava.

Então pôz de parte os annos e as commodidades que a sua avançada idade requeria e, mais uma vez, prestou á patria os seus serviços, esforçando-se por bem se desempenhar do cargo.

Não fez discursos nas camaras, porque não era orador e muito menos aos 80 annos se poderia amoldar aquelle meio rhetorico, elle que era homem de acção, mas a sua gerencia na pasta da guerra foi das mais sensatas, podendo servir de modelo a sua honrada administração.

Dissemos que não era orador, mas não se pense por isso, que lhe faltava intelligencia e illustração para o ser. A sua conversação era animadissima, de um espirito observador, e de quem tinha muito que contar, como quem muito tinha vivido e sabia do mundo.

E se os annos lhe não haviam esmorecido o espirito, menos lhe tinham alquebrado o corpo, porque o velho general conservava todo o vigor physico que lhe permittia aos 83 annos montar lestando n'um cavallo, como qualquer rapaz.

Era condecorado, além das condecorações hespanholas que já enumerámos, com as commendas da Torre Espada, de S. Thiago e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista Popular de Conhecimentos Úteis — *Typographia Gonçalves* — 80, rua do Alecrim, 82 — Lisboa.

Esta interessante revista tem continuado sua publicação com toda a regularidade. Entre outros artigos o ultimo numero publicava os seguintes: «A memoria e a originalidade. — Como o sol começou a arder. — Fecundação das arvores fructíferas pelas abelhas. — Os raios cathodicos e os raios X de Roentgen. — Sustos nocturnos das creanças. — Impressão das nuvens em photographia. — As harmonias da luz e varias noticias, inventos e receitas.

Madame Sans-Gêne — (A marechala Lefebure) *Empreza do jornal «O Seculo» caderneta n.º 7* — Lisboa.

Como se sabe, a empreza do nosso collega *O Seculo* iniciou ha tempos com lisongeiro exito a publicação do romance *Madame Sans-Gêne*, extraordinario romance militar e dramatico, abrangendo o periodo da Revolução Franceza e do 1.º Imperio, e extrahido por Edmundo Lepelletier, da peça theatral de Victorien Sardou, representada com enorme exito nos primeiros theatros do mundo.

O romance divide-se nas seguintes partes: *A lavadeira — A cantineira — A marechala — A duquesa — O rei de Roma*, etc., etc.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1.200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Está a publico este interessante annuario profusamente illustrado e com primorosa collaboração litteraria.

A capa é um lindo chromo representando o «Adamastor». Preço 200 réis, pelo correio 220 réis, cartonado 300 réis.

A venda em todas as livrarias e na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 e 39